C. M. B.
BIBLIOTECA

Ano III—(N.º avulso 20 cts.)—N.º 184

ublicação periodica ás quartas-feiras e sabados

Editor: ARMINDO SOUSA

Redacção, Administração e Oficinas: Tipografia Fernando Marinho—BARCELOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA «A OPINIÃO»

A OPINIÃO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO
Direcção de MANOEL MARINHO

Quarta-feira, 12 de Dezembro de 1928

Foi superior a 150 mil o numero de pessoas que acompanharam do Gremio Luzitano, ao cemiterio onde ficou depositado, o cadaver do sagrado apostolo da Republica Dr. Magalhães Lima.

avençado

A morte do Dr. Magalhães Lima

De lucto estão a Patria e a Republica. O nobilissimo testamento deste inconfundivel apostolo da Humanidade. A firmesa das suas convicções. Altivo exemplo a seguir. Palavras do Dr. Antonio José d'Almeida

Alanceados por uma dôr profunda, enormemente perturbante, é que nos referimos á morte do grande apostolo da Liberdade que foi o Dr. Magalhães Lima.

Figura inconfundivel da Democracia, alma excepcional de bondade e honradez, morre precisamente na hora em que, o seu valôr mental, a sua inabalavel firmesa de convicções, e o seu exemplo de frisante irreductibilidade liberal e republicana, mais falta fazem ao regime.

A terra, na sua mudez sepulcral, vai esconder, para sempre, o coração de maior bondade que neste seculo existiu em Portugal.

Nas ultimas horas da sua vida, o Dr. Magalhães Lima, em cujo peito se abrigava uma alma de pomba, aos seus algôzes perdoou, esquecendo as crueldades, as intrigas, as vinganças e o odio de todos que tanto o fizeram sofrer, obrigando-o aos transes mais dolorosos, desde a calunia ao insulto, á prisão, á deportaçao e ao exilio.

Encarando a vida com o resignado estoicismo dum verdadeiro apostolo da Humanidade, superior ás loucas arremetidas dos bandos a soldo duma oposição desleal e criminosa, tudo olvidou, ainda, na rigidez das suas ideias de paz, de que foi intransigente defenssôr, pedindo aos seus correligionarios e dedicados companheiros de trabalho que se devotassem á obra permanente da defesa dos humildes, do povo simples, bom e generoso que é, afinal o unico com quem se pode contar nas horas dificeis.

A morte do Dr. Magalhães Lima veio cavar no nosso peito um dos mais fundos desgostos porque temos passado. Os olhos, neste momento, choram lagrimas sinceras e são producto duma intima amargura que nunca mais tem linitivo e que, conturbando-nos o espirito, não nos permite dizêr do seu nome altivo, da sua figura colossal de apostolo, tudo quanto justamente merece.

Resta-nos, todavia, a certeza de que a sua memoria e o seu exemplo jamais serão esquecidos e que, aqueles dos seus companheiros que, sempre e tão lealmente o seguiram, continuarão a sua obra orientados pelo seu estimulo e pels derradeiros desejos do su nobilissimo testamento.

Magalhães Lima, que até ao dia da sua morte foi um exemplo de principios, um propagandista da mais pura doutrina do Bem da Egualdade, da Paz, da Democracia socialista, e a Liberdade, passa, desde gora, a sêr simbolo sacrosano que «*viveu e morreu republicano, fiel aos principios de toda a sua vida*», como o seu proprio testamento escreveu para legenda a inscrever na lousa fria do seu tumulo.

Sobre ela, ajelhamos, neste amargurante transe de dôr, deixando ali as lagrimas intimas do nosso imenso pesar, ligadas á sincera confissão de que, dentro da Republica e na sua intransigente defesa sempre lhe seguiremos o exemplo.

Seja nos, permitido agora, transportar para aqui, as justas palavras que a veneranda figura da Republica que é o Dr. Antonio José de Almeida, lhe dedicou, bem como parte do testamento do Dr. Magalhães Lima que, como lição, é um exemplo de estimulo aos principios e uma prova do muito que valem quando professados por homens do seu impolucto caracter e da sua extraordinaria firmesa de convicções:

«Se fosse preciso dar numa só palavra, a fisionomia moral de Magalhães Lima, essa palavra seria esta: Lealdade:

Lealdade para com a Patria, lealdade para com os principios, lealdade para consigo proprio.

Para com a Patria, porque o amou com fervor; para com os principios, porque foi sempre em todas as quadras da vida, o mesmo Magalhães Lima, grande, generoso, eloquente e austero; para consigo proprio, porque foi sempre digno das responsabilidades que se criou.

Ah! Decerto, a Patria, a Patria chora-o neste momento, porque as duas mais altas expressões dessa Patria, isto é, a Republica e a Liberdade, velam a face de luto porque, se a primeira perdeu o glorioso tribuno que a exaltou e prégou, a segunda vê prostrado o soldado intemerato que a defendeu e serviu.

Grande homem, cuja vida foi feita de unidade, de coerencia e de magestosa virtude.

Como o romano que mirabeau citou um dia, numa das suas mais apaixonadas orações, ele como homem publico só fez um juramento: o de ser sempre, atravez de tudo, igual a si proprio.

Por isso, quando vivo, foi nosso guia e nosso exemplo, e depois de morto, ele é nosso estimulo e nosso simbolo.

Os seus despojos terrenos vão entrar na ultima jazida. Honremolos, porque eles são um simbolo que se impõe ao nosso respeito e á nossa ternura. Mas, eles são o menos. O que nos importa é a alma de ele. Essa não baixa á cova: mais do que nunca viverá na nossa alma.»

Antonio José de Almeida.

*

«Eu, Sebastião de Magalhães Lima, filho de Sebastião Carvalho Lima e de D. Leocádia Rodrigues Pinto de Magalhães, nascido no Rio de Janeiro em 30 de Maio de 1850, cidadão português, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, no uso pleno das minhas faculdades, sem coacção, faço o meu testamento, dispondo da ultima vontade, e declaro o seguinte:

Que professei toda a minha vida o ideal republicano socialista e livre-pensador, á defeza do qual me consagrei desde os bancos da escola. Por ele sofri calúnias de adversarios e ofensas e malquerenças dos próprios correligionários. Tudo isso,

(*Segue na 4.ª pagina*)

DR. MAGALHÃES LIMA

A' Margem Do Dia

O valôr da força e o valôr da inteligencia. O nivel intelectual dos povos. As situações transitorias. Filosofia social e politica. Os progressos das civilisações. As élites predominantes. As repressões da liberdade de pensar. Despotismos e intolerancias que fazem retroceder. Os ensinamentos da Historia. Exemplos dos nossos dias. O ostracismo dos homens de valôr mental da Italia, da Espanha e de Portugal. A Alemanha e as reparações que tem a pagar. A revisão dos tratados de Locarno e de Dawes. A implacavel lei dos vencidos sobre os vencedores. Equidade de principios. Exigencias que excedem a capacidade de pagar, da Alemanha. Os nossos actuais e excessivos impostos. Deficiencias da nossa economia domestica. Despotismos que geram reações. A demolição de «Os Terceiros». O valôr dos principios. As incoherencias de «O Barcelense». O seu mercantilismo e a sua falta de critério homogeneo. A traição dos seus processos combativos. A incultura e ignorancia que evidencia. A baixeza dos seus : : : : : : : processos combativos. : : . : : : :

As situações de direção, seja dum povo, seja de qualquer outro organismo social ou colectivo, não valem pelo poder da força, legitima ou ilegitamente, conquistada. Valem sim, mas é pelo grau de valôr intectual e pelos métodos aplicativos de administração e fomentação que revelarem os homens componentes de tais organisações.

E dizem os grandes tratadistas da vida em sociedade que, tanto maior será o predominio dum aglomerado de homens quanto mais alto fôr o seu nivel intelectual, bem como o seu expoente de instrução.

Quer isto dizer, por tanto, que as *élites* é que teem de marcar a orientação e directrizes da grande massa colectiva que se distribue pelo mundo.

Na verdade isto é intuitivo e assenta numa logica insofismavel.

E' certo que, ás vezes, fenomenos estranhos, modificam o caminhar ritmado dos acontecimentos, obrigando-os a bruscas e inexperadas mudanças; todavia esses casos esporadicos não podem deixar de durar pouco, como nuvem veloz em maré de temporal que o vento impele e faz desaparecer.

Em todos os tempos, e, principalmente, desde que os principios de filosofia social e politica principiaram a sêr metodisados e compendiados pelos grandes apostolos das sciencias e das humanidades, as civilisações fôram, quasi dia a dia, operando progressivas transformações que as trousseram até á nossa época com o brilhantismo das maravilhas da actualidade.

E os povos reconhecem, sem excepção, que o comando dos seus destinos e objectivos não está no organismo que procure dominar pelo poder da força, mas unicamente nas *élites* selecionadas que dirigem pelo valôr da inteligencia.

Quando, mercê de qualquer cataclismo politico, se reprimem as locubrações do pensamento e se subjugam os trabalhos itelectuais, coibindo a sua expansão e a liberdade de raciocinio, as colectividades, sob o jugo dum despotismo assim intolerante, retrocedem, inutilisam-se, desagregam-se, e perdem-se no conceito do mundo civilisado.

Podem os paises que se governam pôr um sistema tão desactualisado, não perecer, em absoluto, porém a estabilidade de semelhante método ha de ser passageira, rapida como um vôo de ave ou como a trajectoria duma bala, para que a sua contextura organica se não desmoróne qual edificio em ruinas batido pela violencia dos tempos ou pelo tiro certeiro duma peça de guerra de largo alcance.

A Historia, que é a grande mestra, apresenta-nos exemplos duma evidencia que não admite sofismas e as suas paginas seculares são lições frisantes, conselhos duma nobre anciã aquem os cabelos encaneceram nas luctas dos homens e nos combates dos povos.

Mal grado, na verdade, para aqueles que se esquecem das suas aproveitaveis e praticas indicações, navegando ao acaso como barco sem leme no mar alto, ou como descarrilada locomotiva que, sem governo, vai esbarrar contra o primeiro precipicio.

Exemplos dos nossos dias são as crises intelectuais que veem atravessando a Italia e a Espanha a braços com uma lucta intensa, que traz afastados do país os seus mais altos valores mentais e, consequentemente, num declive evidente, as suas estruturas nacionais, abaladas nos seus alicerces pela escassez de orientadores intelectuais.

E, se um esforço de bom senso assaltar os nossos espiritos, egualmente reconheceremos que, entre nós, se desenrola uma crise bem similar e bem entristecedôra dos destinos desta Luzitania de tão antigas como lidimas tradições.

Reconsideremos esforçando-nos porque uma proxima modificação nos habilite a regressar a uma situação egual perante a lei e perante a liberdade de pensar e de crêr, para que os homens de pensamento e da inteligencia, não se vejam na contingencia de procurar azilo em terras estranhas.

*

Casos ha, por vezes, que, sendo grandes lições, podem tambem sêr aproveitados, por analogia, para apresentar como norma a certas atitudes.

Se não vejamos: Pertence á Alemanha a colossal responsabilidade de ter lançado a Europa na guerra mais funesta e tenebrosa deste seculo. Depois duma lucta horrivel que se prolongou anos seguidos quais noites tenebrosamente infernais, aquela potente nação foi dominada e sujeita á implacavel sentença de Bréno que, a peso de ouro, comprou a liberdade dos vencidos lançando na balança o seu pesado montante.

Apoz a guerra fizeram-se os tratados de Dawes e de Locarno que sujeitam a Alemanha ao pagamento de pesadas indemnisações sobretudo á Belgica e França, países criminosamente talados pela furia da *kultura bòche*.

Que os povos vencidos paguem aos vencedores os prejuizos que lhes causaram obrigando-os a uma guerra defensiva que não provoca-

ram, é tudo quanto existe de mais logico e pertence ao proprio codigo do direito das gentes. Se esta obrigatoriedade vai além do que é admissivel, mesmo assim, os povos humilhados, não podiam escusar-se a pagar.

Os principios de humanidade tem progredido a ponto daquela implacavel lei sofrer as transformações que a rasão, aliada a um profundo raciocinio dos acontecimentos, determina e impõe á analise equilibrada dos homens que possuem uma educação intelectual em maior harmonia com o espirito de equidade da nossa época.

E assim, provado como está que as reparações impostas á Alemanha ultrapassam a sua capacidade de pagamento estuda-se, neste momento, uma nova formula que, não faltando ás obrigações de vencida possua, no entanto, possibilidades que lhe facilitem os compromissos para com os vencedôres.

Reconhecido este direito, não seria demasiado pedir uma analoga aplicação ao nosso actual sistema tributario que, na verdade, estabelece condições que, se não vão além de um sacrificio extremo, ilaqueiam a tal ponto a economia domestica e rural agricola que entorpecem qualquer ideia de progresso, obstando mesmo á obtensão de sementes selécionadas, dos adubos e maquinismos, para cujas compras as suas economias não chegam; e á aquisição de capitais de emprestimo não pode recorrer-se pela elevada taxa de juro que exigem.

De resto os proprios poderes centrais conhecem o assustador incremento que a emigração tem, ultimamente, tomado, podendo, por aí, calcular a enorme deficiencia de braços com que lucta a lavoura na hora em que é forçado ao integral pagamento das contribuições já lançadas, e agravadas quasi para o dobro das do ano anterior.

E o certo é que a Alemanha vai encontrando um relativo apoio no seu pedido de revisão dos tratados que a compelem a pagamentos violentos e, ninguem sabe ainda até onde o seu ponto de vista será autorisado, sendo, porem, para admitir, como posta de parte, a ideia de que a obriguem áquilo que as suas posses não comportem, mesmo com receio das complicações que isso podia ocasionar, tanto mais tratando-se dum povo fórte e com raras condições de vitalidade.

Ora, como é lei antiga, que as pressões exageradas ocastonam reações legitimadas, o aproveitamento do exemplo acima citado não deixaria de ter uma certa aplicativa oportunidade á revisão do nosso exagerado sistema tributario recentemente posto em vigôr.

*

NÃO ha muito tempo ainda que, aqui, nesta modesta secção, salientamos, por mais duma vez, a necessidade da demolição do templo de «Os Terceiros», para se poder dar plena execução ao plano geral de aformoseamento estético da nossa cidade.

Fizemo-lo nos termos mais rasoaveis e sob principios de doutrina, sem intuitos reservados, nem calculada oposição ás legitimas crenças religiosas que nós respeitamos quando sinceras e quando emancipadas de exageradas e inaceitaveis beatices ou de tolos misticismos.

Apresentamos argumentos irrefutaveis, demonstrando, quer o constante e permanente ameaço de ruina que a igreja oferece, quer o transtorno que está causando ao completo cumprimento da planta geral da cidade no tocante ao aformoseamento da zôna em que se encontra, quer, finalmente, porque a sua demolição nenhum prejuizo causa ao culto católico visto no mesmo perimetro existirem mais três igrejas que sobejam para a concorrencia de fieis.

Aconselhamos até, todavia, que, atentas estas poderosas circunstancias e a certesa de que a expropriação desse templo se faria, fatalmente, ou agora, ou mais tarde, melhor seria entrar-se num amigavel acordo entre expropriados e expropriantes que levar as coisas para um campo de imprudente e prejudicial irreductibilidade.

Mal esta tése era publicada, dias passados, bem poucos por sinal, surgiu-nos «O Barcelense», orgão monarquico local, em arremetidas de traiçoeiro criterio a insinuar uma oposição á expropriação do aludido templo vendo nisso e nas nossas observações ataques á religião. Como sempre, brandindo a insidia e procurando desnortear a opinião publica, propunha-se, assim, armar ás simpatias para melhor levar a sua vida de perfidia e constante vilania em ataques á Republica, aos sinceros e irreductiveis republicanos, á liberdade de pensar e de crêr, na ignorancia do valôr dos principios e esquecido de que, na existencia, tudo tem a sua paga e que a hora dos vencidos de hoje ha-de tornar-se um dia, em anos dos vencedores de amanhã.

Pois o mesmo «O Barcelense» é quem, no seu ultimo numero em editorial, portanto, revelando doutrina professada pela sua direção, vem aconselhar a aceitação dos termos dessa expropriação considerando-a mesmo um acto que, mais tia menos dia, ha-de fazer-se.

Esta estulta e espantosa incoherencia revela-nos, de sobra, os intuitos mercantis deste orgão monarquico e a sua falta de orientação competente capaz de lhe imprimir uma directriz uniforme.

E são estes sacripantas da imprensa que se pretendem impôr á opinião publica como seus orientadores quando mais não fazem senão desorientar-lhe o pensamento e as bôas intenções que, logica e sensatamente conduzidas, chegariam a um justo e equilibrado objectivo.

Já que muitos, desconhecendo a alta missão da Imprensa e a enorme responsabilidade do que aí se escreve, afinal proprio da reconhecida incultura, a cada passo evidenciada em tristes provas, a industrialisam, arrastando-a para o campo dum manigante interesseirismo de mesquinhos intuitos, ergamos nós, bem alto, o nosso brado apontando-lhe as incoherencias, a escassez de sentimentos, a auzencia de sensibilidade moral, e a falta de principios doutrinarios.

ARGUS

O inquerito ao chefe da Repartição de Finanças

Correspondencias para o Porto e Braga

Dos importantes diarios «O Primeiro de Janeiro», do Porto e «O Correio do Minho», de Braga, transcrevemos umas correspondencias desta cidade, sobre o caso do inquerito aos actos irregulares do chefe da Repartição de Finanças, deste concelho sr. Roque Antonio da Silva.

Não podemos deixar de congratular-nos com isso, tanto mais que, do seu conteudo, se conclue um apoio ás anomalias aqui apontadas e que originaram o inquerito que se está a fazer.

Alem disso conveniente é, sem duvida, que os grandes diarios vão tomando conhecimento de certas atitudes, tornando-as mais publicas e conhecidas, o que um modesto jornal de provincia dificilmente conseguira.

De «O Primeiro de Janeiro» de 7-12-928:

Barcelos

6 de Dezembro

Inquerito

Talvez em virtude duma campanha ha longo tempo sustentada no bi-semanario republicano local «A Opinião», e satisfazendo as reclamações de varias juntas paroquiais deste concelho, foi mandada fazer pela Direcção Geral do Ministerio das Finanças um inquerito aos actos do chefe da Repartição de Finanças, sr. Roque Antonio da Silva.

Aquele funcionario é arguido de praticar no exercicio das suas funções irregularidades e abusos, sendo de gravidade algumas das acusações que lhe são feitas.

O desejo dos republicanos desta cidade é que o inquerito, já iniciado, seja levado a cabo com absoluta imparcialidade, sem pressões nem favoritismos. — (C.)

. . . . . .

De «O Correio do Minho», de 2-12-928:

Uma sindicancia

BARCELOS, 30—Já se encontra a fazer um inquerito ao secretario de finanças deste concelho, o sr. Antonio Acacio Costa Rocha, chefe da repartição da fiscalização distrital dessa cidade.

Ha muito que este inquerito era aguardado, tanto mais tratando-se de casos gravissimos duma alta responsabilidade moral e profissional em que está envolvido o chefe da Repartição de Finanças deste concelho, sr. Roque Antonio da Silva.

Causava já certa estranhesa a ausencia duma intervenção superior que terminasse com os erros de direcção e as complicadas irregularidades em toda a imprensa local atribuidas áquele secretario de Finanças.

Estão a ser inquiridas varias testemunhas e, de presumir é que, o apuramento de responsabilidades seja feito com a maior das imparcialidades e a mais vasta latitude de prova.

Na verdade um tal estado de coisas, estava a tornar-se imoral e improprio duma Repartição em directo contacto com os contribuintes. De resto parece não existirem duvidas sobre as acusações trasidas a publico, visto que, alem de varias testemunhas estranhas á Repartição, a sua veracidade é confirmada pelos funcionarios srs. Alfredo Esteves da Costa e Mario Santos, aspirantes de finanças; José de Sousa Neiva, fiscal dos impostos; Mario de Deus Real, escrivão das execuções fiscais; Casimiro Gonçalves Ramos, servente, que, em publico, e na presença de muitas pessoas, que estão prontas a depor, as disseram e garantiram.

Espera-se que o acto decorra com a maior imparcialidade, de modo a oferecer toda a latitude de prova, desviando-se qualquer especie de creação ou ameaça sobre os depoentes.

Aguardamos o final complemento deste inquerito que julgamos não deixará de impor ao funcionario sindicado o competente castigo. «Particular»

PELOS CORREIOS E TELEGRAFOS

Sêlo da Grande Guerra

Até 15 do corrente é obrigada a aposição do sêlo da Grande Guerra na correspondencia a expedir. E' um sêlo adicional da taxa unica de dez centavos.

O produto reverte a favor do cofre da Comissão dos Padrões da Grande Guerra, cuja missão é erigir monumentos em França, Angola, Moçambique e no Continente, que perpetuem o esforço dos portugueses no conflito europeu.

VENDE
FOTOGRAFIA
SOUCASAUX

TEM TOSSE?
TEM BRONQUITE?

Use os RIBUÇADOS do «CONVENTO», da **Fabrica Agia**, preparados exclusivamente de plantas com excelentes propriedades xepectorantes e calmantes.

A' venda nas confeitarias e mercearias desta cidade.

Cavilosa insidia

Sob o titulo «Será Verdade?» publica «O Barcelense», no seu ultimo numero, uma informação da qual se infere que os alicerces da nova cadeia não estão a sêr construidos conforme o contracto de arrematação.

Sabe-se que a fiscalisação desta construção está a cargo do actual presidente da Camara, que é engenheiro, da Mesa do Hospital da Misericordia e ainda do engenheiro técnico do nosso Municipio.

Sabe-se tambem que o arrematante da obra é pessôa idonea, empreiteiro considerado e honesto, entre nós muito conhecido e incapaz de autorisar, cometer ou consentir na vilania que «O Barcelense», gratuitamente lhe lança como se a honra dos outros fosse coisa de pouca monta ou como se a reputação alheia podesse andar á merce de indecorosas e infundadas acusações.

Que «O Barcelense» acusasse depois de préviamente adquirir a certesa das suas informações, certo estava e era mesmo util; mas que o fizesse na incertesa da sua confirmação é que se torna inadmissivel.

São processos indecorosos e indignos que se não toleram na Imprensa.

Que juiso ha-de fazer, no estrangeiro, o doadôr da enorme verba para a edificação duma cadeia em Barcelos tanto da Camara como da Mesa do Hospital?

«O Barcelense» cometeu um acto que não pode deixar de sêr severamente censurado, pela imprudencia da sua falsa informação, não só lançando duvidas sobre a dignidade de fiscalisação da Camara e da Mesa do Hospital, tem como do sr. Belmiro Miranda, empreiteiro arrematante das obras, que é uma pessôa honrada e incapaz de cometer a infração que lhe pretenderam atribuir.

SOCIEDADE

Aniversario

Passa na proxima sexta-feira o do menino José Luiz Maria de Souza Pinto Martins, filho estremecido do nosso amigo sr. José Martins de Macedo, digno professor oficial.

Recebeu as aguas baptismais um filhinho do nosso amigo sr. Fernando Durães.

Serviram de padrinhos os srs. Manoel Carvalho Marinho da Silva e D. Julia Torres Matos, esposa dedicada do sr. Manoel Pinto de Matos.

Foi dado ao neofito o nome de Manoel.

—Do Rio de Janeirono, de fóra em digressão, já regressou a sua casa desta cidade, a Ex.ma Sr.a D. Irene Garrido, respeitavel dama barcelense.

—Estiveram em Braga os nossos amigos, srs. tenente-coronel Barbeitos Pinto e Dr. Braz Araujo.

Desastre de camionete

No passado sabado, dia 8, uma camionete guiada pelo seu proprietario, sr. Cirilo Augusto de Miranda, de Espozende, seguia para as festas da Ser.a da Conceição, em Braga, transportando 12 pessageiros.

Ao chegar porem á freguesia de Adães, deste concelho, devido a uma manobra que determinou uma «derrapage», o veiculo voltou-se.

Por motivo deste desastre, que não atingiu consequencias funestas, um dos passageiros, asr.a Rosa de Souza Santos, da freguesia de Gemezes, concelho de Espozende, sofreu varias contusões pelo corpo ficando com uma mão esfacelada.

Foi logo conduzida para o Hospital de S. Marcos, de Braga, na camionete do sr. Abel Quintela, que faz a carreira diaria entre Barcelos e aquela cidade e que no momento passava no local do acidente.

Trabalhos agricolas

no mês de Dezembro

Culturas arvenses—Fazem-se surribas e arrotêas para cultura ou plantações em antigos pousios ou incultos.

Continua a sementeira dos trigos e outros cereais de pragana, e ervas para fênos ou ferrejos.

Viticultura—Nas vinhas faz-se a descava e continua-se a podar; começando a transportar-se os estrumes quando se pretenda estrumá-las.

Desbarbam-se cuidadosamente as enxertias e abrem-se as covas para plantar barbados nas falas, e preparam-se as amaricanas ainda não enxertadas para a proxima enxertia.

Cultura pratense—Nos prados de leguminosas aplica-se o gesso e outros adubos pulvurulentos.

Vinificação e tecnologia oleicola—Vigiam-se os vinhos nas adegas, podendo começar-se a trasfegar os vinhos brancos; e nos lagares de azeite continua a fabricação deste produto.

Horticultura—Continuam as manteações e cavas dos mezes de Outubro e Novembro. Começa a semear-se nas camas ou alfôbres quentes as cenouras e rabanêtes. Nos canteiros continuam as sementeiras de Novembro se o tempo o permitir ou aconselhar.

Jardinagem—Semeiam-se goivos, saudades, boas noites, mangericões, plantam-es jasmineiros, alfazema, alecrim e baunilha e abrigam-se as plantas das geadas e frios.

LENHA

Muito boa para cosinhar, a preços modicos, vende-se tanto por carro como a retalho.

—Rua da Madalena, n.º 11—
Campo de S. José.

BELMIRO A. DE MIRANDA
CONSTRUCTOR
Obras em pedra, tijolo e cimento armado
Fornecimento de materiais.

ALFAIATARIA BARBOSA acaba de receber um grande sortido de capotes alentejanos a preços reduzidos assim como fazendas para fatos e sobretudos.

PELOS TRIBUNAIS

Tribunal Civel de Barcelos

Audiencia de 11 de Dezembro de 1928.

Distribuição

Acção civel de processo sumario. Autora — Rosa de Jesus Cordoso de Arcozêlo.

Ré — Maria de Jesus e marido, tambem de Arcozêlo.

Ao 5.º oficio — Escrivão interino, Luiz Carvalho.

*

Execução (Decreto 29 de Maio de 1907).

Exequente — Antonio Fernandes, de S. Bento da Varzea.

Executado — Ana Rodrigues, e outros, de Airó.

Ao 3.º oficio — Dr. Cardoso.

*

Acção de letra.

Autor — Manoel Remelhe, do Tamel (S. Verissimo).

Reus — Joquim Bernardino Cardoso, de Arcozêlo.

Ao 1.º oficio — Escrivão Cardoso.

REGISTO CIVIL

Obitos

Em 27-11—Maria do Carmo Remelhe, de 6 anos, de Quiraz.

Em 28-11—Maria da Gloria Lopes Maciel, de 43 anos, de Areias de Vilar.

Em 29-11—Antonio Joaquim Fernandes, de 29 anos, de Balugães.

Em 29-11—Secundino Ferrer Marinho da Silva, de 49 dias, desta cidade.

Em 29-11—Maria Henriqueta Gomes, de 32 anos, de Carapeços

Em 30-11—Eduardo Ferreira Maia, de 47 anos, de Viatodos.

Em 30-11—Maria Joaquina do Jardim, de 49 anos, de Pereira.

Em 1-12—Manoel Pereira Miranda, de 20 mezes, de Rio Côvo (St.ª Eulalia).

Em 2-12—Felicidade Simões, de 52 anos, de Arcozêlo.

Em 30-11—Antonio da Costa, de 73 anos, de Palme.

Em 30-11—Luiz Manoel de Oliveira, de 72 anos, de Cossourado.

Em 27-11—Ana Joaquina Pereira da Silva, de 86 anos, de Negreiros

Em 3-12—Maria Celeste Gomes Agra, de 2 anos, de Pereira.

Em 4-12—José Lopes de Oliveira, de 80 anos, de Encourados.

Em 4-12—Maria Amelia Ferreira de Matos, de 3 anos, de Minhotães

Em 5-12—Antonio Fernandes, de 50 anos, de Arcozêlo.

Em 4-12—Rosa Dias Ferreira, de 66 anos, de Airó.

«A OPINIAO» é o jornal de maior expansão de Barcelos.

Paquetes a sair no mês de Dezembro

De Leixões:

Dia 14—Vapor alemão «Weser», para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, S. Francisco, Rio Grande do Sul Montevideu e Buenos-Aires.

Dia 17—Vapor alemão «Baden», para o Rio de Janeiro, Santos, S Francisco, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 17—Vapor inglez «Pancras», para o Pará e Manaus.

Dia 19—Vapor holandez «Flandria», para Cherbourg, Southampton e Amsterdam.

Dia 19—Vapor brazileiro «Raul Soares», para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Dia 20—Vapor francez «Groix» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 21—Vapor alemão «York» para Havaná (Cuba) e Galveston.

Dia 23—Vapor holandez «Orania», para Lisboa, Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 26—Vapor inglez «Darro», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 27—Vapor alemão «Vigo», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 27—Vapor alemão «Vigo» para o Rio de Janeiro e Santos.

Dia Dia 27—Vapor inglez «Hubert», para o Ceará, Parnahyba, Maranhão e Pará.

Dia 28—Vapor inglez «Hirdebrand», para Liverpool.

Dia 29—Vapor brazileiro «Cantuaria Guimarães», para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

De Lisboa:

Para a America do Sul

Dia 13—Vapor inglez «Darro», para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 15—Vapor alemão «Baden» para Rio de Janeiro, Santos, S Francisco do Sul, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 16—Vapor inglez «Alcantara», para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 18—Vapor alemão «Cap Polonio», para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 20—Vapor brazileiro «Cuyabá», para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Dia 22—Vapor inglez «Avila», para a Madeira, S. Vicente, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 24—Vapor inglez «Andes», para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 24—Vapor holandez «Orania», para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 27—Vapor inglez «Deseado», para a Madeira, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Dia 30—Vapor brazileiro «Raul Soares», para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Dia 31—Vapor alemão «Antonio Delfino», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Para a America do Norte

Dia 11—Vapor italiano «Presidente Wilson», para Nova York (directo).

Para a Italia e Mediterraneo

Dia 15—Vapor inglez «Patria», para Palermo, Napoles e Marselha.

Dia 17—Vapor inglez «Usaramo», para Tanger, Malaga, Genova e Port Said.

Para o Norte da Europa

Dia 14—Vapor francez «Jamaique», para Vigo, Bordeaux e Havre.

Dia 15—Vapor portuguez «Nyassa», para Southampton, Rotterdam e Hamburgo.

Dia 17—Vapor inglez «Asturias» para Vigo, Cherbourg e Southampton.

Dia 18—Vapor holandez «Flandria», para Leixões, La Coruña, Cherbourg, Southampton e Amsterdam

Dia 18—Vapor inglez «Desna», para Vigo e Liverpool.

Dia 18—Vapor brazileiro «Almirante Alexandrino», para Anvers, Amsterdam, Rotterdam e Hamburgo.

Dia 20—Vapor francez «Lutetia» para Vigo e Bordeus.

Dia 20—Vapor francez «Ceylão», para Vigo e Havre.

Dia 22—Vapor alemão «Bayern», para Hamburgo.

Dia 23—Vapor inglez «Almeda», para Boulogne e Londres.

Dia 27—Vapor alemão «Cap Arcona», para Vigo, Boulogne e Hamburgo.

Dia 28—Vapor brazileiro «Santarem», par Anvers, Amsterdam, Rotterdam e Hamburgo.

Dia 29—Vapor inglez «Arlanza», para Vigo, Cherbourg e Southampton.

Para a Africa

Dia 17—Vapor inglez «Ussaramo», para Tanger, Malaga, Genova, Port Said, Suez, Aden, Kilindini, Tanga, Zanzibar, Daressalem, Moçambique, Beira, Lourenço Marques e Durban

GARAGE BARCELENSE

Consignataria da Vacum Oil Company e agente Ford

Aluguer de automoveis, reparações, recolha e lavagem.
Venda de gasolina, oleos, pneus e acessórios.

LARGO JOSÉ NOVAIS—BARCELOS

SUCURSAIS: Avenida Alcaides de Faria e brevemente uma outra, tambem em ponto central

DÓE-LHE A GARGANTA? ESTA' ROUCO?

Use os REBUÇADOS «S. BRAZ», da **Fabrica Agula**, = excrupulosamente preparados com purissimo = *mentol* e excelente extracto de *eucalipto*.

A' venda nas confeitarias e mercearias desta cidade.

PASSAPORTES E PASSAGENS

— PARA O —

Brazil, America do Norte, França, Cuba, Argentina ou qualquer paiz

João de S. Pimenta
(João da Oficina)

Campo da Feira (em frente ao Senhor da Cruz)—Barcelos

SERIEDADE, ECONOMIA E RAPIDEZ

Cão perdigueiro

Gratifica-se a quem entregar, no estabelecimento de ferragens á rua D. Antonio Barroso, do sr. Alvaro Carvalho, um cão perdigueiro, branco com malhas amarelas que dá pelo nome de Landru.

Quartos

Alugam-se dois decentes, mobilados e com luz Falar nesta redação

ATENÇÃO

Máquinas para fabricar sócos (alemás), absorvedores de pó, enceradôras, purificadôres de agua e armários frigorificos (socos), máquinas para recauchutados de pneus e câmaras de ar (italianas) e seguros em todos os ramos. — Pedidos a

PEDRO CORTÉS—BARCELOS

Marçano

Preferindo-se da aldeia, precisa-se Informações nesta redacção.

Boa Quinta

Vende-se a quinta da Gavieira, em S. Verissimo, que pertenceu ao falecido tenente-coronel Francisco Vila-Chã Rodrigues Leite.

Para informações nesta redacção.

Quarto

Decente, em logar central e ao rés-do-chão, aluga-se. Falar nesta redacção.

Guarda-livros

Toma conta de pequenas e grandes escritas. Falar nesta redacção.

Chaufeur

Bem habilitado. oferece-se. Falar nesta redacção.

FARMACIA MODERNA

Antiga da Calçada

Director — *João Pacheco Leite*

Aviamento de todo o receituario clinico

Folhetim de «A OPINIÃO» N.º 20

ARNALDO GAMA

O Sargento-Mór de Vilar

Episodios da invasão dos francezes em 1809

III

Aos olhos do teu amor, Luiz, tudo isto é nada; aos olhos da tua inocencia e da tua santa afeição, minha filha, nunca tais visões se antolharam... não é assim? Contudo o mundo está aí entre vós, e separa-vos por motivos que vós nem mesmo sonhais..

—E que me importa a mim o mundo, minha mãe?—exclamou arrebatadamente o moço, carregando as sobrancelhas.

—Quererás tu ser mau filho, Luiz Vasques? Quererás que teu pai morra amaldiçoando-te?—replicou D. Luiza solenemente.

O moço estremeceu diante destas palavras, e D. Luiza acrescentou:

—Teu pai é bom... mas teu pai pensa como o mundo, Luiz.

O rosto do moço irradiou de repente profunda tristeza e bem pronunciado desgosto. Camila escondeu, a chorar, o rosto no seio de D. Luiza.

—Mas não desanimeis, meus filhos—acudiu esta ao vel-os assim—sereis um do outro, que o desejo, que o quero eu, e que o merece o vosso amor tão puro e tão do coração. Mas para isso é que é preciso ter prudencia e resignação por algum tempo. Se a não tiverdes, acordareis o orgulho de teu pai, Luiz, e os brios do teu, Camila. Podeis casar contra vontade deles, mas—e aqui D. Luiza abaixou melancólicamente a vos—os casamentos, que os pais não abençoam, têem bodas tristissimas. Eu casei contra a vontade de meu pai. Entre a minha familia e a de meu marido havia antiquissimo feudo. Nossos pais odiavam-se sem saberem pelo que...e eu e teu pai, Luiz amamos-nos. Eles queriam que nós sacrificassemos o nosso amor áquele ódio sem causa, e nós casamos-nos apesar deles. O casamento é para a mulher, que ama, o ponto culminante da felicidade. O meu tinha todos os requesitos necessarios para o ser. E contudo o dia da minha boda foi de muitas lagrimas para mim e de muitas tristezas para o o meu Vasco. Nada nos faltava para sermos felizes; possuiamos tudo, excepto a benção de nossos pais. Deus não quiz levar mais longe o castigo da nossa desobediencia. Contentou-se com nos fazer triste o dia que para todos é de suprema alegria. Eu não tive dia de noivado.

D. Luiza interrompeu-se para limpar as lagrimas, e depois continuou:

—Prometo-vos que haveis de ser um do outro, e que no dia da vossa boda não vos faltará a benção de vossos pais. Mas para isso cumpre que vos entregueis inteiramente á minha direcção. Luiz, prometes-me que ocultarás a teu pai o teu amor por Camila. até o dia em que eu te mandar que lho descubras?

—O' minha mãe, entrego-lhe toda a minha felicidade—exclamou o moço, cobrindo de beijos as mãos de D. Luiza.

—De ti, minha filha—continuou esta—de ti nada receio, minha Camila. Sei de quanto as mulheres são capazes quando amam, e demais tu és a filha da minha creação. Deixai-me o cuidado da vossa felicidade. A empreza, assim mesmo, é mais facil do que vos parece...Mas quem anda aqui?

D. Luiza interrompeu-se com estas últimas palavras, porque sentiu remexer por traz da parede dos cedros junto da qual estavam sentados. Luiz ergueu-se rapidamente, e correu para a porta do bosque; mas, ao embocal-a, estacou, porque topou pela frente com um homem de figura singular, que ela assomava então.

Era magro, alto e de fórmas bem torneadas e possantes de força nervosa. Os cabelos da cabeça, que trazia compridos e amaranhados, eram côr de azeviche, variegada por muitas brancas, cuja precocidade era atestada pela juventude, que lhe irradiava do rosto Era este comprido, ossudo e colorido nas faces pelo rosado desbotado, que sobresai sobre o palor natural dos éticos. Trazia a barba inteira e descurada. A fronte era alta e espaçosa, o nariz e a boca graciosos, e os olhos esbugalhados de tal fórma que as córneas se destacavam completamente no meio da brancura da sclerótica.

(Continua)

A morte do Dr. Magalhães Lima

(Continuado da 1.ª pagina)

porém, esqueço e perdôo, assim como perdôo e esqueço todos os agravos e todas as injúrias de que por vezes fui victima. Odiado pela reacção clerical e perseguido pelos inimigos seculares da Maçonaria, tendo suportado o exilio e mais do que uma vez a prisão nas condições mais afrontosas por amor dos meus principios e das liberdades que amei apaixonadamente, segui o meu caminho em linha recta, sem tiblezas nem desfalecimentos. De nada tenho que me arrepender. Cumpri o meu dever. Procurei ser coerente e consequente em todos os actos da minha vida, visando sempre o mesmo objectivo supremo de manter integra a minha unidade moral Nunca nutri vaidades ou ambições de qualquer especie nem alimentei invejas de quem quer que fosse.

No aplauso da propria consciencia encontrei forte compensação de todos os esforços, a todas as perseguições e desilusões sofridas.

Môrro com a convicção de nunca ter praticado o mal de haver espalhado todo o bem que pude. Os cargos e as honrarias, assim como a lisonja e as ovações, nunca lograram embriagar-me ou toldar o meu entendimento. Direi mesmo que nunca me deslumbraram.

Foi na convivencia dos homens e no conhecimento das coisas que aprendi a ser bom e tolerante. Democrata por temperamento e feitio seduziu-me sempre a simplicidade e encantou-me a modéstia. São as duas grandes virtudes de uma verdadeira Democracia. No amôr do povo me eduquei e me fortaleci. Nele e só nele encontrei o civismo, o espirito de sacrificio que devem caracterizar os leais servidores da Patria e, por isso, aqui deixo consignado o meu profundo, o meu inolvidavel reconhecimento ao grande e heroico povo português, que tanto amei e que dedicado e fiel me foi em todas as vicissitudes da minha existencia.

Na minha qualidade de republica no congratulo-me por ter assistido em vida ao triunfo dos ideais aos quais dediquei, numa propaganda ininterrupta, sincera e desinteressada de mais de 50 anos, a maior parte e a melhor parte da minha mocidade. Mais alta compensação não podia, por certo, ambicionar um apostolo que se não encontrou na Terra a realização dos seus sonhos, morre no entanto com a convicção de que a Liberdade não é uma palavra vã e de que a fé e a confiança são os mais sólidos esteios das almas bem formadas.

Como socialista, exorto os meus amigos e correligionarios a que, nos seus trabalhos de propaganda, principalmente se interessem pela sorte dos pequenos e humildes, pela emancipação dos que sofrem e vivem escravisados lutando sem tréguas nem repouso, para que cesse o estado de guerra em que temos vivido.

Como livre-pensador, quero e determino que o meu enterro seja feito civilmente.»

A minha fortuna compõe-se de quatro predios em Lisboa: um na rua do Salitre, 106; o segundo na Avenida Fontes Pereira de Melo, 15; e 3.º e o 4.º na rua de S. Felix, á Lapa, com os numeros 64, 70 e 72; 90 obrigações de 10 o/o sem premio, ao portador, no valor nominal de 90 escudos; 79 obrigações de 10 o/o sem prémio nominativo, nominal de 10$00; 317 ditas de 10 o/o com prémio ao portador, no valor de 23$50; 50 acções do Banco de Lisboa; 60 contos em bilhetes do tesouro; 50 acções da Companhia de Criação de Gados; 4 obrigações de 10 o/o ao portador e dinheiro depositado no Monte-pio Geral e na Caixa Geral dos Depositos. Nomeio meus testamenteiros os srs. Artur Tavares de Melo, Hélio de Melo Rêgo, Jaime Saraiva de Lima e no seu impedimento os srs. Alvaro Neves e Eduardo Barbosa, que empregarão os seus melhores esforços para que estas disposições sejam cumpridas no mais curto prazo.

Deixo a minhas sobrinhas Maria do Carmo Lemos Magalhães Lima e Maria Leocadia Lemos de Magalhães Lima, filhas de meu irmão Jaime de Magalhães Lima e de sua mulher D. Maria do Cardal Lemos, e a minhas sobrinhas Maria Lucilia Henriques e Maria Zulmira de Melo e Castro, filhas do dr. Julio Augusto Henriques e da minha falecida e saudosa irmã Zulmira Henriques de Magalhães Lima, metade dos meus bens em partes iguais a cada uma, ficando o usufruto desses bens para seus pais.

«Antigo jornalista, quero honrar a minha profissão que amei devotamente, legando 12 contos distribuidos igualmente pelas duas casas dos jornalistas a de Lisboa e a do Porto, a fim de que os trabalhadores da Imprensa sejam amparados na velhice e invalidez.

«A segunda metade dos meus bens, além do legado acima indicado, será distribuido segundo o criterio dos meus testamenteiros, do seguinte modo:

«Associação de Instrução Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima, Sindicato dos Profissionais da Imprensa Albergue dos Invalidos do Trabalho, Escola-Oficina n.º 1, Universidade Livre, Albergaria de Lisboa, Voz do Operario, Centros republicanos que mantem escolas, premios escolares, Museu Rafael Bordalo (compra de um objecto de arte), Asilo de S. João.

«O primeiro destes legados, o centro de que sou patrono e o ultimo preferem, não esquecendo tambem a Cruz Vermelha.

«A Archer de Lima (Nicolau Alberto) lego a propriedade de todas as minhas obras politicas e literarias, além de 5 contos em dinheiro, como lembrança.

«Alvaro Neves ficará incumbido de reunir em volume toda a doutrina espalhada pelos meus livros, artigos e discursos como meio de perpetuar o meu credo politico, sob o titulo «A vida de um apostolo». Para esse fim, receberá uma soma equivalente ao seu trabalho e a quantia indispensavel para a publicação. Para recolher os meus restos mortais será construido um jazigo especial, alegorico á minha vida de propagandista, e sobre a lapide, na parte inferior ao meu nome, ficará gravada a seguinte inscrição: «Viveu e morreu republicano, fiel aos principios de toda a sua vida». A bandeira que me foi oferecida pelos marinheiros do cruzador *S. Rafael*, a primeira bandeira republicana arvorada a bordo dos navios de guerra, que conservo como a mais alta prova de apreço que em vida recebi, servirá para envolver o meu corpo, demonstrando assim o meu reconhecimento enternecido pelos valorosos defensores da Republica. Se por acaso falecer no estrangeiro, o meu cadaver será transportado para Lisboa. O caixão só deverá ser soldado 48 horas depois da minha morte e será conduzido na carreta do Registo Civil». Archer de Lima, a quem deixo os objectos e mobiliario da minha actual residencia, rua do Mundo, 92, 2.º, diligenciará por conservá-la tal qual está sobretudo o meu gabinete de trabalho.

«O retrato feito por Malhôa deverá ser entregue á Camara Municipal de Lisboa e um dos grandes quadros a oleo de Artur Prat á Associação de que sou patrono e o segundo ao Gremio Lusitano.

«O remanescente da herança será distribuido em pequenos legados por aqueles que em vida me serviram, não esquecendo os empregados do Gremio Lusitano, á frente dos quais coloco o fiel Sebastião Natario, a quem será entregue a quantia de 2 contos, como simples lembrança, e á sr.ª Emilia Julia Santos a quem será concedida a quantia de 1 conto».

«Querendo dar um testemunho de particular afecto a meu sobrinho Alvaro de Lima Henriques peço-lhe que escolha na minha casa um objecto de meu uso.

«A conservação do meu jazigo será confiada á direcção do Gremio Lusitano».

«E' este o meu decimo terceiro testamento e o unico que tem validade, ficando revogados todos os outros — 22 de Dezembro de 1927 — *Sebastião de Magalhães Lima*».

OBITUARIO

Em 5 do corrente, e em casa de seu extremoso tio, sr. João Evangelista Alvelos, conceituado industrial em Barcelinhos, faleceu o sr. João Paes de Faria, ha tempos regressado do Brazil.

Pesames aos doridos.

Serenamente

O caso da Repartição de Finanças. O inquerito aos actos do seu chefe.

Com a serenidade propria de quem possue a consciencia dos seus actos, temos deixado seguir o inquerito ás vergonhosas irregularidades cometidas pelo chefe da nossa Repartição de Finanças, sr. Roque Antonio da Silva, certos que a verdade das nossas acusações será claramente demonstrada.

Dissemos aqui, em certa ocasião, que não tinhamos pressa de chegar a uma final conclusão, porquanto nós bem sabiamos que o inquerito, mais dia menos dia, havia de aparecer.

Ultimamente, é certo, tinhamos rareado um pouco a nossa insistencia neste assunto porque, informações de caracter particular, mas limanadas das instancias superiores, nos afirmaram que esperassemos, pois o inquerito se realisaria fatalmente. E, de facto, assim aconteceu.

Citamos factos, citamos testemunhas e referimos documentos que não podiam sêr contestados, não só porque se baseavam em provas duma concretisação indesmentivel, mas ainda por partirem do proprio pessoal da Repartição. Enumeramos mesmo varios funcionarios que mais directamente, em diferentes conversas, confirmaram as nossas acusações: isso, porem, não o quer, de modo algum, dizer que os restantes empregados dessa Repartição como os aspirantes, srs. Freitas Pacheco, João Vieira de Castro, Domingos Perestrelo e Arnaldo Azevedo, chefe fiscal sr. Jaime de Deus Real e outros, não aludissem muitas e muitas vezes ás anomalias, destemperos, irregularidades, e outras deficiencias do sr. Roque Antonio da Silva.

De maneira nenhuma; o seu a seu dôno que é ditádo muito velho. E, de resto, todos os funcionarios da nossa Repartição, em geral e sem qualquer excepção, jamais esconderam, nas suas apreciações, as constantes irregularidades do seu chefe. Nem eles, por sua honra e dignidade podem dizêr o contrario, porque disto existem muitas provas, que, por hoje, não salientaremos ainda.

Posto isto não podemos deixar de apresentar aqui o nosso protesto contra a forma como o sr. sindicante interrompeu, por vezes, o depoimento do nosso Derector, como que parecendo querel-o intimidar e evitar que se escrevesse tudo quanto disse. Porem, o nosso director, que se não intimida facilmente, declarou, apoz varias interrupções, que, ou o sr. sindicante lhe consentia que dissesse tudo quanto a dizer tinha, ou então não assinava o depoimento, dirigindo-se a Braga a queixar-se ao sr. Director de Finanças a quem exporia o caso.

Só em face disto é que então o nosso director depôz á vontade.

Esta orientação do sr. sindicante, alem de irregular tornava-se perigosa, não só porque o apresentava como parcial, mas ainda porque nos obrigava a explicar em publico o que se passava.

E' certo tambem que, a outras testemunhas não foi consentido se exarasse no auto de investigação, aquilo que desejavam ficasse mencionado, e isso, é uma grave irregularidade que pode, em parte, inhabilitar as instancias superiores em conhecer tudo quanto se torna indispensavel que conheçam.

Houve ainda, segundo certas informações que nos foram fornecidas, quem anlasse a pedir ás testemunhas para lhe serem o mais favoravel possivel. Ora isso só prova culpabilidade, pois, quem possua a certesa de não haver cometido erros, não necessita implorar misericordia.

Rasão, mas bem alta rasão, tinha o nosso director para fazer, como fez, a franca confirmação das suas acusações, acrescentando, ainda, varios elementos que se tornavam indispensaveis.

Durante o decorrer deste inquerito algumas testemunhas, segundo directamente nos comunicaram, referiram-se a casos de multas, cujas importancias não entraram nos cofres do Estado e em que estão envolvidos tanto o sr. Roque Antonio da Silva como o sr. Jaime Real e ainda a outros casos neste genero que são, sem duvida, duma enorme responsabilidade moral e profissional desde que sejam confirmados com iniludiveis provas.

Vem a proposito recordar, agora, que, diferentes vezes, aconselhamos ao sr. Roque Antonio da Silva que se afastasse desta, terra pois, a manter-se, viria, um dia, a arrepender-se. E outros conselhos egualmente foram dados a muitos dos seus empregados — com especialidade ao sr. Jaime de Deus Real — a quem, em indirectas alusões, lembramos a conveniencia de sêr franco nas suas declarações, pois era quem mais criticava e discutia os actos do chefe da Repartição, como o podem comprovar todos ou quasi todos os funcionarios da mesma.

Ocasiões várias afirmamos não sêr nossa intenção senão terminar com as anomalias de direcção do sr. Roque Antonio da Silva, — aliás reconhecidas e confirmadas por todos os funcionarios da Repartição de Finanças — contribuindo para que aqui fosse colocado um secretario de finanças, competente, com brio moral e dignidade profissional como o reclamava tambem o orgão local «O Barcelense» que se tinha feito eco das suas irregularidades chegando a classifical-o de «parvo».

Parece que os acontecimentos, por virtude das irrefléctidas atitudes, e dos nervosismos impulsivos, inconstantes, voluveis e ambiguos do sr. Jaime de Deus Real, vão tomando um curso mais grave e mais generalisado.

E' mau que assim seja e causa-nos certo pesar. Todavia não é a nós a quem pertence evitar as consequencias daí originarias.

Coloque-se cada um no seu logar, diga-se francamente tudo que se sabe, e, em publico, hão confessado, porque, depois já o juizo a fazer da dignidade das pessôas não pode deixar de sêr favoravel.

Nós é que temos de levar a nossa causa até final, defendendo-nos e justificando-nos, pois, na missão que nos impuzemos, a ninguem devemos obediencia senão á nossa consciencia e á honradez dos nossos processos de combate.

Entre as extraordinarias anomalias que tem sido apontadas e referentes á forma do criterio investigadôr deste processo de inquerito, uma mais salientamos que não pode passar sem o nosso reparo.

Consiste ela em ter sido chamado á Repartição, para depôr, a testemunha sr. Dr. Miguel Carneiro, de Gueral, a quem o chefe da Repartição havia insultado e tratado agressivamente. Como, não podesse comparecer no dia designado, apresentou-se, então na passada quinta-feira a depôr, sendo-lhe dito pelo escrivão do processo aspirante sr. João Vieira de Castro que já não podia aceitar-lhe as declarações por estar encerrado o processo.

Então, o sr. Dr. Miguel Carneiro respondeu: *Bem sei; não lhes convinha o meu depoimento pois pode fazer-lhes sombra, visto o sr. João Castro bem ouviu os insultos que o chefe da Repartição me dirigiu.*

E', de facto, fantastico que se não ouvisse uma testemunha tão importante como esta e da categoria que possue pela sua qualidade.

Fica, ao menos, aqui exarada para publico conhecimento da maneira como se pretendeu evitar uma prova completa, tanto, que o sr. Dr. Miguel Carneiro, está prompto a confirmar, em qualquer altura, os violentos e malcreados apódos que recebeu do chefe da Repartição de Finanças.

JOSÉ NARCISO FERNANDES

RUA NOVA DE S. BENTO

Encarrega-se de qualquer trabalho de trolha bem como de pintura.

Este n.º de «A Opinião» foi visado pela Comissão de Censura